



**ST 01: A SALA DE AULA EM PERSPECTIVA: TEMÁTICAS, PRÁTICAS, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**COORDENADORES:** Prof. Me. Paulo de Oliveira Nascimento e  
Prof. Emerson Barbosa da Silva Aleixo

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA DE CORDEL: UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO-METODOLÓGICA AOS SABERES HISTÓRICOS**

Aldeir Fernandes de Oliveira  
SEECT/PB  
aldeirafo@gmail.com

**RESUMO**

O artigo visa discutir questões teórico-metodológicas que envolvem o ensino de História e a Literatura de Cordel. Propõe a utilização de textos literários, enquanto linguagem alternativa a ser adotada na sala de aula, para motivar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos escolares de História. A Literatura de Cordel consiste um gênero literário, cujos poemas originam-se da cultura popular. Estruturados em versos cadenciosos que empolgam e fascinam ouvintes e leitores, os textos apresentam-se, em geral, publicados em forma de folhetos. Em relação ao ensino de História, a partir das décadas de 1980/90 ocorreu a implantação de novas propostas curriculares no sistema educacional brasileiro, trazendo a possibilidade de o (a) professor (a) incorporar novas linguagens e diversos procedimentos didático-metodológicos nas aulas de História, incluindo estratégias de ensino com textos literários. A literatura na sala de aula, além de promover o gosto pela

leitura, possibilita ao (a) educando (a) conhecer o cotidiano passado, a mentalidade, o universo político, econômico e a própria sociedade de uma determinada época, por meio de documentos escritos por literatos portadores de uma cultura, pertencentes a um contexto histórico, representantes de uma corrente artística e de seu tempo. Nesse contexto, o trabalho consiste, primeiramente, um estudo bibliográfico realizado com os (as) autores (as) que versam sobre a temática da literatura de cordel e o ensino de história e secundamente na análise e discussão de um projeto de intervenção pedagógico e do relatório de execução do mesmo, apresentado à coordenação do Prêmio Mestres da Educação na edição de 2017.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Literatura de Cordel; Novas Linguagens; Procedimentos didático-metodológicos.

## INTRODUÇÃO

Das últimas décadas do século XX ao século XXI tem havido grandes discussões e debates, muitas vezes acirrados, em relação à metodologia docente empregada no ensino de História. As recentes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, ocorridas na contemporaneidade, que afetam as relações humanas em suas diversas dinâmicas, bem como as mudanças paradigmáticas decorrentes das novas exigências e concepções acerca da formação humana, tornaram crescente a necessidade de inserção de novos procedimentos didático-metodológicos para o ensino desta disciplina escolar. Ou seja, ultimamente têm ocorrido mudanças na forma de se ensinar história com a introdução de diferentes e novas linguagens.

Com esse limiar contemporâneo de transformações didático-metodológicas, sendo estas orientadas, em grande medida, pelo movimento historiográfico, que se caracterizou pela ampliação documental e temática das pesquisas, ou seja, a mudança paradigmática que ocorrera com o advento da pós-modernidade que implicou transformações no processo de ensino e aprendizagem. Assim, o professor de história tenta se afastar do método tradicional ou pedagogia tradicional, o qual se caracteriza pela aula expositiva, pela postura autoritária do professor e por um aluno passivo e acrítico face ao conhecimento imposto em sala de aula.

Levando-se em consideração esse princípio, essas transformações paradigmáticas possibilitaram ao trabalho pedagógico a incorporação de diversas linguagens no processo de ensino e aprendizagem da História, que, segundo Selva Guimarães Fonseca: “Trata-se de uma opção metodológica que amplia o olhar do

historiador, o campo de estudo, tornando o processo de transmissão e produção de conhecimentos interdisciplinar, dinâmico e flexível” (FONSECA, 2003, p.163).

Para Bittencourt (2008) é inegável o crescimento, nos últimos anos, dessas novas linguagens que são incorporadas ao ensino de História, as quais: “São instrumentos de trabalho do professor e do aluno, suportes fundamentais na mediação entre o ensino e a aprendizagem”. E, igualmente, se apresentam como “mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina no nosso caso da História” (BITTENCOURT, 2008, p. 295).

Esses procedimentos são os processos, as técnicas, os recursos, os instrumentos e, principalmente, os métodos utilizados no âmbito escolar, especificamente na sala de aula, os quais são trazidos para esta e sistematizados como forma de instrução e informação, onde o professor emprega toda a sua arte de ensinar, orientando a atividade educativa, em busca da eficiência no processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, compreende-se que procedimentos didático-metodológicos referem-se às ações, aos detalhes, formas específicas que o professor aplica na sala de aula, referendados por uma proposta curricular e pedagógica. Nas palavras de Libâneo (1994, p. 152): “[são] formas específicas da ação docente utilizadas em distintos métodos de ensino”. Assim, para exemplificar esses procedimentos, Libâneo (1994) esclarece que: “se é utilizado o método de exposição, podem-se utilizar procedimentos tais como leitura e compreensão de um texto, [...] perguntas aos alunos para verificar a compressão do exposto” (LIBÂNEO, 1994, p. 152).

No entanto, esses procedimentos didático-metodológicos devem ser pensados como elementos constitutivos de uma realidade sociopolítica, que dependem de um mercado, garantem determinadas modalidades de relações e participam na constituição de uma dada memória. Enfim, como forma e expressão de lutas, força, dinâmica e experiência histórica.

Considerando as problemáticas anunciadas, o artigo consiste uma discussão acerca das aproximações teóricas e metodológicas possíveis entre a história e a Literatura, uma abordagem dos usos da literatura como procedimento didático-metodológico no ensino da História e uma análise sobre a utilização da Literatura de Cordel enquanto linguagem alternativa adotada nas aulas de história do Ensino Fundamental através da execução de um projeto de intervenção pedagógico.

No texto, se detém a discorrer sobre o uso da literatura nas aulas de história, propondo reflexões teóricas e metodológicas sobre formas e possibilidades de manuseio entre a Literatura e a História, discutindo o enfoque das diversas formas da literatura, mas com o foco mais preciso na Literatura de Cordel.

## **2 HISTÓRIA E LITERATURA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

A História e a Literatura são discursos narrativos a respeito do mundo, os quais se apropriam dele e lhes dão significados. O discurso histórico é uma tentativa de se explicar o real por meio de um diálogo que se realiza entre o historiador e os testemunhos, as fontes, que evidenciam, no mínimo, as representações do passado. Com base nesse diálogo, o pesquisador explicita o real em movimento, a dinâmica, as contradições, as mudanças e as permanências (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007). A obra literária, por sua vez, não tem o compromisso nem a preocupação de explicar o real, nem tampouco de comprovar os fatos, mas é uma espécie de transfiguração desse real, através de metáforas que denotam uma visão de mundo. A literatura é, portanto, um produto artístico, porém com raízes no social.

Segundo Pesavento (2006), os estudos sobre o imaginário trouxeram à tona possibilidades de recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados, e é nessa perspectiva que o olhar da história sobre a literatura tem se revelado numa relação profícua.

Nesse sentido,

literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. [...] A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua 'Poética', ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos. Mas o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado — logo, tomando o *não-acontecido* para recuperar o que aconteceu! — como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção! (PESAVENTO, 2006, p. 3, grifos do autor).

Dessa forma, o historiador ao fazer uso da literatura é atraído não pela realidade e sim pela possibilidade de nela encontrar pistas, rastros do real. Aos historiadores caberia a abordagem dos fatos e só aos escritores seria permitida a ficção, entendida como invenção dos eventos que narra. A História teria como compromisso a procura da verossimilhança, a Literatura poderia ser fruto da pura imaginação. Nesse sentido, segundo Chartier (1999), o historiador deve:

identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 197).

Albuquerque Júnior (2007), em seu texto, apresenta uma questão de gênero, pregando que a História seria de gênero masculino e a Literatura de gênero feminino. Sendo que a primeira falaria em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. Enquanto a segunda se identificaria com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, sob influência da intuição e de manifestações divinas.

A história uma narrativa solar que desconfia das sombras, que busca esclarecer e aclarar, que busca tornar visíveis aos seres que ontem não passavam de sombras na caverna. A literatura seria o discurso das auroras, pois buscaria perceber como as coisas se movem a caminho de suas próprias formas utilizando as menores sombras e os menores feixes de luz. [...] A Literatura é que pode falar deste mundo informe de sensações, mundo que está próximo do inumano. A história apenas se debruça sobre aquilo que nos faz ser, cada vez mais, humanos. (ALBUQUERQUE JUNIOR. 2007 p.47).

Contudo, a leitura de textos literários pode nos oferecer pistas, referências do modo de ser, viver e agir das pessoas, dos valores e costumes de uma determinada época. Auxilia o desvendar da realidade, as mudanças menos perceptíveis, os detalhes sobre lugares e paisagens, as mudanças naturais, os modos de o homem relacionar-se com a natureza em diferentes épocas.

A literatura favorece um “mergulho” no cotidiano passado, nas mentalidades de uma época, permitindo ao pesquisador realizar sua própria leitura da história e perceber o reflexo das estruturas da vida social. Além de serem documentos de uma época, seus

autores pertencem a determinado contexto histórico e são portadores de uma cultura exposta em suas criações, são artistas e, sobretudo, representantes de seu tempo.

A aproximação entre Literatura e História pode ser bastante interessante para a produção historiográfica. Respeitadas as especificidades de cada uma das áreas, pode-se dizer que há uma zona de fronteira que enriquece os conhecimentos de cada disciplina e, principalmente, colabora para que o pesquisador tenha uma visão mais abrangente sobre determinada obra, autor ou período. As produções literárias, como todas as atividades humanas, são históricas e, portanto, possuem uma historicidade, pois se constituem, atualmente, como fontes importantes para a escrita da história, possuindo sua própria abordagem, tal como outros documentos.

A Literatura é uma linguagem constitutiva da realidade social, expressa contradições, relações sociais e culturais. Ao problematizar a realidade, oferece ao historiador, pistas e propostas reveladoras da identidade social, individual e coletiva. Cabe, então, aos professores, explorá-la de forma criativa, combinando fontes e formas.

Portanto, a história e a literatura podem se aproximar e dialogar sobre a sociedade e sobre os homens no tempo.

### **3 HISTÓRIA E LITERATURA NA SALA DE AULA**

Tendo como tema principal, nesse trabalho, o uso da literatura como procedimento didático-metodológico no ensino da História, ou seja, a literatura enquanto meio/instrumento e/ou material alternativo para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas desta disciplina curricular, compreende-se que esse procedimento constitui-se como uma prática que o professor de História engendra em sala de aula, empregada no ambiente do aprendizado, no processo de ensino e aprendizagem da educação, que é trazido e destinado como forma de instrução e informação, no qual o professor emprega toda a sua arte de ensinar, visando à orientação e a eficiência do processo educacional.

Nessa perspectiva, entende-se que a Literatura também é uma forma ou meio para se ensinar História, visto que várias produções literárias enfocam problemas sociais, as quais também possibilitam o desenvolvimento do gosto pela leitura, da criatividade e da criticidade, contribuindo para a ampliação do universo cultural e a compreensão do mundo. Igualmente, fornece condições de análises mais profundas para o estabelecimento de relações entre conteúdo e forma. Sendo que este também é meio pelo qual se pode conseguir quebrar ou amenizar a rigidez do tradicionalismo. É a incorporação de um

trabalho interdisciplinar (Literatura e História) no processo de ensino e aprendizagem de história.

A literatura com suas tramas e enredos que são a transfiguração do real permite que o estudante mergulhe no rio do passado e nade na busca do cotidiano, da mentalidade de uma época, do universo político e econômico. Permitindo, assim, a realização de sua própria leitura da história e perceber o reflexo das estruturas da vida social. Além de serem documentos de uma época, os autores pertencem a determinado contexto histórico e são portadores de uma cultura exposta em suas criações, seguidores de determinada corrente artística e representantes de seu tempo. (PESAVENTO, 2006; ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, *et al*).

Nessa perspectiva, por exemplo, acredita-se que as obras de literatos como Machado de Assis ou de José de Alencar seriam as que melhor forneceria uma descrição da sociedade carioca no século XIX. Jorge Amado, por sua vez, não seria o mais adequado para discorrer sobre a Bahia do século XX? Quem melhor ajudaria a entender a mentalidade medieval do que a obra “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco? Quem melhor demonstraria a Guerra das Duas Rosas na Inglaterra, estopim para as Revoluções Inglesas do século XVII, do que William Shakespeare?...

Tendo em vista estas indagações, compreende-se a pertinência de reflexão docente em torno da seguinte questão: Será que o professor de história promovendo discussões sobre textos literários, e os incorporando como instrumentos didático-pedagógicos em suas aulas, não as tornariam mais dinâmicas, produtivas e interessantes, especialmente aos discentes?

Para tanto, a junção da Literatura com a História no ambiente escolar deve propiciar um momento de reflexão que possa formar cidadãos, sujeitos leitores que saibam questionar a autoria do texto, a intencionalidade da obra e os motivadores de tal pensamento. Ao trabalhar a Literatura nas aulas de História, é preciso ter sensibilidade, é necessário respeitar os limites próprios do discurso, e, ao mesmo tempo, não confundir história com ficção ou aventura, pois se corre o risco também de promover nos alunos uma concepção fantasiosa de história.

Considera-se, então, que se deve ter cuidado e respeitar os limites da Literatura. Como uma totalidade artística, as obras literárias problematizam e, ao mesmo tempo, afastam-se da realidade da criança, enquanto a história tem como objeto de estudo a própria realidade em diferentes tempos e espaços. Todavia, o professor pode deixar as contradições aflorarem, identificá-las, problematizá-las e compreendê-las com

criatividade e criticidade, a partir de um processo de ensino e aprendizagem livre de preconceitos e estereótipos (FONSECA, 2003).

Assim sendo, evidencia-se a importância e exequibilidade do processo de ensino e aprendizagem da história com a utilização da literatura, pois a literatura assim como a história tem uma fonte inesgotável de conhecimento: o homem. O texto literário nas aulas de história possibilita a contextualização e até mesmo a ilustração dos conteúdos, construindo pontes de aprendizado e descortinando novos horizontes de ensino.

#### **4 O ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA DE CORDEL: UMA CONSONÂNCIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA**

Era 19 de setembro do corrente ano quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através do seu Conselho Consultivo, reunido no Forte de Copacabana no Rio de Janeiro, reconheceu por unanimidade a Literatura de Cordel como patrimônio cultural imaterial brasileiro, uma coroação do trabalho dos cordelistas brasileiros, apesar dessa produção artístico-cultural existir há mais de um século.

A literatura de cordel emergiu, no Brasil, no final do século XIX. Quando se efetivou, segundo Melo (2010), o surgimento das primeiras tipografias, a literatura de cordel passou a ser produzida e consumida sob a forma de folhetos em grande escala. A produção desse gênero literário passou a ocupar um espaço de criação percebido em vários níveis como o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e o histórico. E essa repercussão se tornou possível em razão da

afirmação da cantoria como espetáculo popular, o aparecimento de narradores brasileiros que introduziram novas temáticas ao consagrado repertório europeu e a circulação dos poemas através dos jornais propiciaram as condições favoráveis para a consolidação deste gênero literário (MELO, 2010, p. 57).

Os cordéis são obras impressas em poucas folhas, os quais abordam problemáticas acerca do Nordeste, discutindo temas como: a seca, a pobreza, as disparidades sociais, questões de terra, entre outros. Nesse sentido, essa Literatura se torna uma forma de registro cultural e de memória popular, a qual pode ser analisada através das representações empregadas pelos poetas de cordel nos folhetos que podem mostrar outra visão dos momentos históricos testemunhados por eles ou vividos.

O cordel através da narrativa conta acontecimentos de um dado lugar ou período e se transforma em documento, memória e registro da história. Esses acontecimentos dão origem a uma crônica popular de sua época, uma visão dos fatos de origem nordestina em suas raízes na linguagem do povo. O cordel é um material significativo para avaliar a consciência crítica dos populares, o qual se constitui em um rico material de estudo histórico-social e literário.

Grillo (2008) aponta que “inúmeros são os eventos do século XX contidos nos folhetos que relatam o cotidiano da nossa História e nos quais são dadas representações diversas das contidas nos livros didáticos”. (GRILLO, 2008, p. 83). Nesse sentido, considera-se a pertinência de o professor de história, antes de tudo, selecionar cordéis que tenham relação com o conteúdo programado. E essa é uma possibilidade explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s de História e Geografia), que defendem a utilização de documentos históricos no processo de ensino e aprendizagem, pois devem ser

[...] favorecidos os trabalhos com fontes documentais e com obras que contemplam conteúdos históricos. [...] O confronto de informações contidas em diversas fontes bibliográficas e documentais pode ser decisivo no processo de conquista da autonomia intelectual dos alunos. Pode favorecer situações para que expressem suas próprias compreensões e opiniões sobre os assuntos, investiguem outras possibilidades de explicação para os acontecimentos estudados. (BRASIL, 1998, p. 65).

Ou seja, a utilização do cordel em sala de aula deve ser pensada como uma forma de complemento e apoio didático-pedagógico no ensino de história, pois o texto cogitado tem que possuir atributos suficientes para atingir os objetivos propostos em relação aos conteúdos curriculares.

A Fundação “Casa Rui Barbosa” possui um grande acervo digital de cordéis, que podem ser acessados no *site* por meio do endereço eletrônico: [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br). Nesse acervo, o qual se teve acesso por meio de um DVD com os arquivos gravados e disponibilizados pelo Núcleo de Documentação Histórica Deusdedit Leitão (NDHDL), pertencente à UACS/CFP/UFCG, destacam-se alguns que são pertinentes ao uso em sala de aula, tais como: *Zé Baiano: o ferrador de gente* e *Volta à seca: um menino no Cangaço*, ambos versam sobre o movimento do Cangaço no Brasil e escritos por Gonçalo Ferreira da Silva, os quais podem ser trabalhados nas aulas de História. Esse autor também escreveu sobre outros temas como, por exemplo, a política,

quando retrata em alguns de seus escritos sobre a *Vitória do presidente Fernando Henrique Cardoso* ou até mesmo *A violenta disputa de Maluf com Tancredo*.

Outro cordelista como Manuel d'Almeida Filho escreveu sobre diversos temas como política, quando relata *A vitória Getulista nas eleições de 50*, ou também sobre o cangaço quando escreve sobre *Zé Baiano: vida e morte*, dentre tantos outros assuntos e/ou temáticas abordadas pelo autor.

Esses dois autores e algumas de suas obras são apenas para exemplificar a diversidade e a pluralidade da Literatura de cordel. O acervo da Fundação Casa Rui Barbosa também disponibiliza cordéis digitalizados de cordelistas como: Antônio Ferreira, Francisco das Chagas, João Ferreira, João Martins, João Melquiadas, José Camelo de Melo Resende, José Pacheco, José Soares, Manuel Pereira Sobrino, Minelvino Francisco Silva, Raimundo Santa Helena, Francisco Sales, Rodolfo Coelho Cavalcante, Severino Milanês da Silva, Silvino Pirauá de Lima, dentre outros gênios do cordel que discorrem o cotidiano e os acontecimentos nele ocorridos em suas obras.

Sendo assim, para estudar a produção dessa cultura popular precisa-se, principalmente, estar apto a se desvencilhar de todos os preconceitos, conceitos e privilégios a códigos e significados de diferentes sujeitos sociais que compartilham num mesmo espaço e tempo histórico, pois este é um rico material histórico-social que permite resgatar versões que circulam em diferentes meios sociais e uma diversidade de críticas em relação a classes e setores populares.

O Nordeste é muito privilegiado em relação à história contada por seus narradores, homens de pouca instrução, mas que são grandes talentos para contar histórias. Existem muitos poetas e cantadores, que vivem no Sertão de feira em feira vendendo seus folhetos.

Em alguns casos falam da cultura popular como uma cultura dominada, aniquilada pela cultura dominante, manipulada pela elite tornando-a assim folclorizada, explorada. Na poesia de cordel há personagens estradeiros, astutos, trapaceiros, anti-heróis que sobrevivem com “dramas” para escapar do sistema opressor, existem também personagens do universo sertanejo que rever o mundo com humor (GRILLO, 2008).

Estudar o que é produzido por essa cultura é estar aberto a todas as possibilidades, desvencilhar-se dos conceitos e preconceitos e privilegiar significados produzidos por sujeitos históricos de um mesmo período e espaço. Cabe, portanto, ao historiador compreender as variações e recriações que essas classes populares faz do que é evidenciado. Nesse sentido, o estudo de Nascimento (2005) apresenta orientações

metodológicas bastante pertinentes, e até mesmo um plano de aula, para proceder com o cordel na sala de aula. Segundo o autor, o professor, no uso da literatura de cordel nas aulas de história, deve considerar determinados passos; quais sejam:

O primeiro passo é a crítica documental. O professor deve elaborar, sistematicamente, uma quantidade significativa de questionamentos ao cordel em foco, para que ele nos dê as respostas necessárias aos nossos objetivos [...] após essa fase, o segundo passo consiste no planejamento da aula, [...] é imprescindível redigir um plano de aula numa linguagem clara e objetiva e entregá-lo aos alunos, [...] o terceiro passo é a comparação e o confronto de documentos [...] abordar o mesmo tema a partir de duas visões antagônicas, em que cada cordelista apresenta a própria visão dos fatos e acontecimentos. [...] O quarto passo é articular o documento com o livro didático e tentar, se possível, com a realidade do aluno. O professor deve comparar a visão dos cordelistas com o conhecimento histórico do livro didático para ver se há semelhanças e diferenças entre as interpretações (NASCIMENTO, 2005, p. 4-6).

Em meio a essa evidência da possibilidade da inserção da Literatura de Cordel nas aulas de História, é necessário que professor pesquise cordéis que se articulem com o conteúdo que está ou que será trabalhado em sala de aula, bem como deve propor aos alunos uma atividade que os faça ser críticos e reflexivos perante o documento que está em suas mãos. Ou seja, o cordel não deve ser concebido apenas como um suporte, mas também como instrumento e/ou material que proporciona novos meios e formas de se conceber o processo de ensino e aprendizagem dos saberes históricos.

Nessa perspectiva, no ano de 2017, fora desenvolvido, executado e premiado o projeto de intervenção pedagógico “Construindo saberes históricos através da Literatura de Cordel” aplicado no 9º ano do ensino fundamental da Escola Nossa Senhora de Fátima, em Conceição – PB. O referido projeto foi inscrito no Prêmio Mestres da Educação da Secretaria Estadual de Educação do Governo da Paraíba que visa selecionar boas práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas da rede estadual de ensino.

A proposta consistiu no desenvolvimento de atividades nas aulas de História utilizando-se como fonte de estudos e pesquisa a Literatura de Cordel, visando, essencialmente, a construção dos saberes históricos em sala de aula. Assim, utilizamos os cordéis enquanto linguagem alternativa adotada na sala de aula, para motivar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos escolares de História.

Com a execução do referido projeto, constatou-se que a presença da literatura de cordel nas aulas de história despertou nos (as) educandos (as) o gosto pela leitura, possibilitando conhecer o cotidiano passado, a mentalidade, o universo político, econômico e a própria sociedade da época dos conteúdos históricos estudados, por meio

desses documentos escritos por homens e mulheres portadores (as) de uma cultura, pertencentes a um contexto histórico, representantes de uma corrente artística e de seu tempo.

Assim, realizamos atividades e oficinas didático-pedagógicas de leitura, compreensão, interpretação e produção textual visando à acepção dos acontecimentos e fatos históricos presentes metaforicamente nessas obras literárias.

O projeto objetivava, sobretudo, o estabelecimento de um diálogo, uma articulação entre a História e a Literatura de cordel na sala de aula, através da realização de atividades didático-pedagógicas que favorecessem o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos de História. Especificamente, o referido projeto empreendeu reflexões acerca da história e de seus conteúdos a partir da leitura de textos da literatura de cordel, apresentou atividades escritas e discursivas que primaram pela leitura e compreensão de textos, possibilitando a percepção dos contextos que se desenrolam enquanto históricos e instigou o processo de produção textual: leitura, interpretação e escrita.

Utilizando-se dos métodos disseminados pela “Escola Nova” o projeto foi posto em prática. O modelo escolanovista prima pela participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, através da motivação e o professor se coloca como facilitador, promovendo a autonomia dos (as) educandos (as).

A pedagogia da Escola Nova, ao contrário da tradicional, acredita que o aluno é o principal agente no processo de ensino-aprendizagem, partindo de dois conceitos básicos: o de disciplina espontânea e do ambiente previamente preparado. O ensino deve se realizar a partir da motivação do aluno, o professor, nessa perspectiva, coloca-se como um facilitador da aprendizagem, devendo promover a autonomia do aluno (MOREIRA; VASCONCELOS, 2007).

No primeiro momento de execução das ações propostas pelo projeto, foram realizados os planejamentos necessários à prática didático-pedagógica, bem como, foi apresentado e discutido o projeto aos alunos e alunas do 9º ano do ensino fundamental. A proposta foi bem recebida, tanto pelos discentes quanto pela comunidade escolar de modo geral, pois visava essencialmente o estabelecimento de condições didático-pedagógicas para que os alunos e alunas alcançassem os objetivos propostos pela disciplina e pela prática educativa.

No segundo momento, foi comunicado à direção, a supervisão e ao corpo docente da escola sobre o desenvolvimento do projeto através dos encontros pedagógicos, dos

planejamentos integrados e das reuniões ordinárias. Posteriormente, apresentamos a proposta aos alunos e alunas da turma escolhida através de aulas expositivas e dialogadas e usando slides, vídeos e textos.

Foram promovidas também rodas de leituras coletivas e individuais dos cordéis em sala de aula e na biblioteca. Na oportunidade, todos (as) os (as) alunos (as) participaram da leitura, dividindo as estrofes entre eles e argumentando sobre o que haviam entendido daquilo que estavam lendo.

Também foram produzidos textos dissertativos a partir de questões objetivas sobre os conteúdos discutidos com o uso da literatura de cordel como fonte principal. Essas produções se deram tanto em grupos quanto individualmente. Confeccionamos materiais visuais, criamos cordéis autorais e, por último, expomos e dialogamos com a escola de modo geral as atividades realizadas.

Como o projeto estava vinculado ao Prêmio Mestres da Educação da Secretaria de Educação do Governo da Paraíba, alguns descritores avaliativos de Língua Portuguesa ou matemática precisavam ser cumpridos. Evidentemente, a afinidade maior da temática do projeto se dava com a Língua portuguesa e, portanto, os descritores propostos pela disciplina foram executados, pondo em prática, assim, a interdisciplinaridade.

O primeiro descritor dizia respeito às “práticas de leitura”, ocorrendo quando os (as) alunos (as) liam os cordéis, localizando e inferindo as informações, inferindo também o sentido de uma palavra ou expressão no contexto dos textos, identificando os assuntos e temas, distinguindo os fatos e as opiniões e interpretando propriamente de forma correta e satisfatória os versos e as estrofes dos poemas em cordel.

O segundo descritor requer a “relação entre textos”, nele os (as) alunos (as) deveriam reconhecer semelhanças e diferenças de ideias e opiniões, comparando os cordéis que versavam sobre o conteúdo da aula de história.

O terceiro descritor trata da “coesão e coerência”, utilizadas no processo de produção dos textos de análises dos cordéis, sendo possível estabelecer relações de causa e consequência, lógico-discursivas, bem como, reconhecer os recursos coesivos que contribuem para a continuidade do texto, a questão geradora do enredo e os elementos da narrativa, as partes principais e secundárias dos textos dos cordéis.

O quarto descritor - “relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido”- foi trabalhado nas aulas expositivas e dialogadas com leituras, discussões e análises dos cordéis, através da identificação dos efeitos de humor no texto, dos efeitos de sentido decorrentes do uso de pontuação e outras notações e do reconhecimento tanto do efeito

de sentido decorrente do emprego de recursos estilísticos e morfosintáticos, quanto decorrente da escolha de palavras, frases ou expressões.

O quinto e último descritor utilizado buscou a compreensão da “variação linguística” a partir da identificação das marcas linguísticas e evidenciando o locutor e/ou o interlocutor nos textos dos cordéis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num encontro profícuo ao conhecimento, “no monte Olimpo”, as musas Clío e Calíope, da História e da Literatura, respectivamente, se encontram para conversarem sobre o *cotidiano*. Nelas constituem-se duas qualidades de deusas: a da representação e a da transfiguração do real. A primeira preza pela veracidade dos fatos e, quando não consegue, se envereda pelo caminho da verossimilhança. A segunda nem tanto assim, mas para ela existe uma fonte de inspiração inesgotável, a realidade social, aonde encontra lampejos para o enredo da obra.

Nesse sentido, entende-se que a História e a Literatura podem se aproximar e dialogar, tendo em vista que são produções intelectuais acerca do mundo, bem como encontram no cotidiano da sociedade fonte inesgotável de conhecimento. Esse diálogo tornara-se possível, principalmente, a partir de um processo de abertura da História para novas fontes, novos métodos, novas questões, novas formas de se fazer história, uma verdadeira transformação da *episteme* histórica ocorrida a partir do movimento da Escola dos Annales.

Assim, evidencia-se aqui a possibilidade didático-metodológica à construção dos saberes históricos nas salas de aula, utilizando-se como fonte a literatura de cordel, a qual é constituída de narrativas que adentram nos meandros do processo de construção da história.

Essas obras possuem enredos particulares que descortinam os eventos e o cotidiano da época, levando-nos a enveredar no mundo mágico das rimas e dos versos cadenciosos da cultura popular que descortina uma época, um lugar. Assim, do diálogo da História com a Literatura, de *Clío* e *Calíope*, surge a produção e a promoção dos saberes históricos na sala de aula que é criativo e diversificado, que instrumentaliza e torna mais empolgante e prazeroso o processo de ensino e aprendizagem em História.

A aproximação entre esses dois tipos de conhecimento pode ser bastante interessante para o trabalho em sala de aula. Respeitadas as especificidades de cada uma

das áreas, pode-se dizer que há uma zona de fronteira que enriquece os conhecimentos de cada disciplina e, principalmente, colabora para que o aluno tenha uma visão mais abrangente sobre uma obra, um autor e seu período. As produções literárias, como todas as atividades humanas, são históricas e, portanto, possuem uma historicidade, bem como qualquer outro tipo de documento que possuem suas abordagens.

Assim, nas aulas de História, a Literatura torna-se uma fonte importante a ser trabalhada, pois tendo como fonte uma determinada realidade social, expressa contradições, relações sociais e culturais, bem como ao problematizar a realidade, oferece ao historiador, ao professor e aos alunos pistas e propostas reveladoras da identidade social e coletiva. Cabe, portanto, aos professores explorá-la de forma criativa, combinando fontes e formas.

Portanto, estabelecer um diálogo, uma articulação entre História e Literatura na sala de aula torna-se um ato benéfico ao processo de ensino e aprendizagem, pois além de renovar a prática dos professores, instiga a curiosidade nos alunos em razão de que a Literatura pode fornecer à História os rastros que nela foram impressas pelo tempo e pelo espaço, pistas, histórias individuais e coletivas, memórias de um dado momento histórico.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A Hora da Estrela: história e literatura, uma questão de gênero? In: **História. A arte de inventar o passado**: ensaios de teoria da história, Bauru (SP): Edusc, 2007

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. Obras de ficção: literatura. In: \_\_\_\_\_. **Didática e Prática de Ensino de História**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2004

GRILLO, M. A. F. . A Literatura de Cordel e o ensino de História. In: **Anais do VII Congresso LUSO-BRASILEIRO de História da Educação**: cultura escolar, migrações e cidadania. Porto: Universidade do Porto, 2008. v. 1. p. 1-13.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MOREIRA, Cláudia Regina Baukat Silveira; VASCONCELOS, José Antônio. Como ensinar história. In: **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de história**. Curitiba: ibpex, 2007, PP. 33-62.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: **Anais do XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH**, Londrina-PR, 2005, p. 1-8. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0477.pdf>. Acessado em: 08 de julho de 2013.

PESAVENTO, Sandra Jathy. **História & Literatura: uma velha-nova história**. História Cultural do Brasil – Dossiê História Cultural do Brasil, 2006. Disponível em: <http://nuevo.mundo.revues.org/1560>. Acessado em: 18 de abril de 2013

ROGER, Chartier. Debate: Literatura e História. Rio de Janeiro: Topoi, 1999, nº 1, pp. 197-216. In: **Revista Topoi**. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi01/01\\_debate01.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf). Acessado em: 10 de abril de 2013.

## **CYBERBULLYING, DISCURSOS DE ÓDIO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA ATUALIDADE**

Cicero Anderson de Almeida Bezerra

Universidade Regional do Cariri – URCA

candbez@hotmail.com

### **RESUMO**

O cyberbullying ou bullying virtual é um fenômeno contemporâneo, associado ao surgimento da internet e se caracteriza pelo uso das tecnologias como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outro(s). Esses espaços virtuais tem sido utilizados por pessoas ou grupos para difamação de outras e se tornado um ambiente propício para disseminar o ódio. As demonstrações de intolerância à diversidade nas redes sociais vão desde comentários racistas, homofóbicos, xenófobos e sexistas até ameaças de morte ou desejo explícito de que isso aconteça a pessoas em particular ou determinados grupos que pensam ou se posicionam ideologicamente diferente. A escola é um espaço diversificado e conflituoso e as aulas de história apresentam-se como um espaço bastante oportuno para o debate sobre essas e outras questões, considerando-se o caráter problematizador da disciplina.

**Palavras-chave:** Cyberbullying; Discurso de ódio; Ensino de História.